

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

GISELE ELOY DE SOUZA

**A Tecnologia em Prol do Orientador Educacional: um Projeto de Prevenção ao
Bullying e ao Cyberbullying no Ensino Fundamental**

**Porto Alegre
2019**

GISELE ELOY DE SOUZA

**A TECNOLOGIA EM PROL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL: UM PROJETO DE
PREVENÇÃO AO BULLYING E AO CYBERBULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador(a):

Caroline Bohrer do Amaral

**Porto Alegre
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus filhos Vinícius e Pedro que são minha força e meu viver, por eles, valem todos os sacrifícios. A minha mãe, minha maior inspiração de força e dedicação. As minhas colegas e amigas na escola Marechal Rondon, onde exerço meu papel de Orientadora Educacional com muito amor e dedicação, com muitos obstáculos do dia a dia de Escola Pública, mas com uma equipe maravilhosa que em conjunto faz toda a diferença. E a Deus por me proporcionar todas estas vivências, me mantendo sempre no caminho certo.

RESUMO

Este trabalho configura-se em analisar como as tecnologias da informação e da comunicação podem contribuir no desenvolvimento de um projeto de prevenção ao *bullying* e ao *cyberbullying* no Ensino Fundamental. A proposta metodológica para a realização deste trabalho situa-se em uma abordagem qualitativa, através de estudo de caso e observação participante. Esta metodologia é utilizada para a coleta de dados, em conjunto, com a vivência/experiência como orientadora educacional. Primeiramente, foi realizada a construção do referencial teórico, a partir do material bibliográfico de teóricos da área da educação, psicologia e psicopedagogia. Os dados foram coletados em uma escola pública do município de Canoas-RS, sendo seu público-alvo alunos dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental. A análise dos dados foi realizada a partir das atividades do *Projeto Diga não ao Bullying e ao Cyberbullying*, o qual a autora desenvolveu junto aos alunos. Como resultados, destacam-se os dados advindos de um questionário aplicado nas turmas participantes sobre práticas de *bullying* e ao *cyberbullying* na escola. Distinguem-se, também, aspectos positivos e dificuldades encontradas na realização do projeto, assim como se apresenta o potencial das ferramentas tecnológicas para a sua implantação. O reconhecimento dos alunos, a satisfação em participar das atividades e ter a oportunidade do acesso às ferramentas de mídia no laboratório da escola são alguns resultados relevantes.

Palavras-chave: Cultura. *Bullying*. *Cyberbullying*. Tecnologias Digitais. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work is about analyzing how information and communication technologies can contribute to the development of a project to prevent bullying and cyberbullying in Elementary School. The methodological proposal for the accomplishment of this work is situated in a qualitative approach, through case study and participant observation. This methodology is used for collecting data, together with the experience / experience as an educational supervisor. Firstly, the construction of the theoretical framework was carried out, based on the bibliographical material of education, psychology and psychopedagogy theorists. The data were collected in a public school in the municipality of Canoas-RS, and its target audience is the students of the sixth and seventh years of elementary school. Data analysis was performed from the activities of the Project No to Bullying and Cyberbullying, which the author developed with the students. As results, we highlight the data coming from a questionnaire applied in the participating classes on bullying practices and cyberbullying in school. There are also positive aspects and difficulties encountered in the realization of the project, as well as the potential of the technological tools for its implementation. Recognition of students, satisfaction in participating in activities and having access to media tools in the school laboratory are some relevant results.

Keywords: Culture. Bullying. Cyberbullying. Digital Technologies. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tela Google Sala de Aula - Turmas	37
Figura 2 - Tela Google Sala de Aula - Animação	37
Figura 3: Tela Google Sala de Aula – Pesquisa Bullying e Cyberbullying	38
Figura 4 – Você gosta da escola em que estuda?	41
Figura 5 – O que pensas do ambiente da tua escola?	41
Figura 6 – Você sabe o que é bullying e cyberbullying?.....	42
Figura 7 – Você acha que voce já sofreu bullying e cyberbullying?.....	42
Figura 8 – Já praticou bullying e cyberbullying?.....	43
Figura 9 – Se sim, o que você fez?.....	43
Figura 10: Tela – Foto da Turma.....	45
Figura 11 - Tela Animação.....	45
Figura 12: Tela – Uso de palavrões	47
Figura 13: Tela – Disputa entre turmas.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma Projeto Diga Não ao Bullying e ao Cyberbullying	35
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TICs	Tecnologias da Informação e Computação
SOE	Serviço de Orientação Educacional
Labin	Laboratório de Informática
SET	Setembro
OUT	Outubro
NOV	Novembro
DEZ	Dezembro
EM	Ensino Médio
EF	Ensino Fundamental
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivo Geral	13
1.1.1 Objetivos Específicos	13
2 VIOLÊNCIA ESCOLAR – UMA QUESTÃO DE CULTURA?	14
3 A UTILIZAÇÃO DAS TICS NO AMBIENTE ESCOLAR	19
4 O FENÔMENO <i>BULLYING</i>	22
5 <i>CYBERBULLYING</i>	25
6 EDUCAÇÃO PARA A PAZ	30
7 METODOLOGIA	33
7.1 Apresentação da escola	35
7.2 Sextos e Sétimos Anos do Fundamental - As Turmas Escolhidas.....	35
7.3 Projeto Diga Não Bullying e ao Cyberbullying	36
8 ANÁLISE DOS RESULTADOS	40
8.1 As Ferramentas de Mídia Utilizadas e o Quanto Ajudaram	40
8.2 Levantamento de Dados sobre o Bullying e o Cyberbullying	42
8.3 Aspectos Positivos	45
8.4 As Dificuldades	47
9 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A <PESQUISA SOBRE BULLYING E CYBERBULLYING NA ESCOLA>	53
APÊNDICE B<TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO>	68

1 INTRODUÇÃO

Pensar que a educação deve ser formativa e informativa dos princípios éticos, incentivadora para que os sujeitos passem a pensar com rigor e crítica sobre o seu agir, sobre as relações com seus semelhantes e com a natureza, para que a educação seja transformadora, portanto, pensando na situação em que se encontra o ambiente escolar, em foco a violência, a prática do *bullying* e do *cyberbullying*, visando uma conscientização em busca de uma educação para a paz, este trabalho pretende abordar temas que constituem a cena pedagógica e que desafia os profissionais que nela se encontram a todo o momento.

Baseado na prática da autora, Orientadora Educacional há oito anos em escola pública, onde busca desenvolver um trabalho não só para responder questionamentos, mas para motivar os alunos da comunidade escolar. Propor estratégias para identificar, trabalhar e formar agentes multiplicadores de uma prática contra a violência, de amor e valorização da vida e das relações humanas.

Este trabalho irá abordar alguns assuntos pertinentes a esta prática, onde buscar estratégias para modificar esta realidade são fundamentais. Iniciando o trabalho trazendo a reflexão sobre um tema que vem assustando a todos: a violência escolar, esta que já está disseminada não só em nossa comunidade educativa, mas no mundo todo. Um tema que nos remete a uma reflexão sobre cultura, valores e educação.

A prática profissional de uma Orientadora Educacional, nos dias atuais, permeia por diversas situações, por vezes é necessário auxiliar um aluno, uma família, mas que, infelizmente, por vezes não é possível. A partir deste momento, o profissional da orientação deve parar e refletir sobre muitos aspectos, buscar além, pensar em alternativas, caminhos. É uma profissão de amor e de dedicação, de solidariedade, de empatia, de mostrar aos jovens perspectivas de futuro; porém, nos últimos anos, a demanda é avassaladora e onda de violência é crescente, *bullying*, *cyberbullying*, doenças e transtornos mentais.

O capítulo 2 deste trabalho nos traz esse tema: Violência escolar - uma questão de cultura? Falar de violência tornou-se comum, a sociedade não só brasileira, mas de todos os lugares do mundo tem esta palavra estampada em suas "vitrines", alguns mais, outros menos. A busca por uma sensibilização e reflexão faz-se necessária, um "grito de alerta", pois refletir é abrir uma janela para a

compreensão, entender o que é a violência, como ela está presente na vida, sobretudo, como combatê-la, antes que entre em lares sem autorização e imponha situações sem volta.

O capítulo 3 traz a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em ambiente escolar, de que maneira elas contribuem para o desenvolvimento de projetos, quais as ferramentas a serem utilizadas, quais são as vantagens da utilização e os obstáculos encontrados no dia a dia.

O capítulo 4 aborda um assunto que é muito conhecido, e que ronda nossas escolas, chamado *bullying*. O capítulo 5 apresenta uma das modalidades do *bullying*, o *cyberbullying*, ambos objeto de estudos mais aprofundados, nestes últimos anos no Brasil, mas que já é pesquisado há mais tempo no mundo todo.

O capítulo 6 aborda o tema educação para a paz, que nos remete ao resgate de valores, pretendendo a conscientização e a mobilização por parte da comunidade educativa em geral. O reconhecimento e envolvimento de todos em busca de valores perdidos, do alerta à banalização da vida e dos sentimentos, uma busca incessante por estratégias de uma educação para a paz.

O capítulo 7 visa apresentar toda a metodologia do desenvolvimento do trabalho, apresentando a escola onde foi feito o levantamento de dados, escola pública estadual onde foi desenvolvido o projeto, a comunidade escolar, as turmas e o projeto Diga Não ao *Bullying* e ao *Cyberbullying*.

O capítulo 8 apresenta a análise da pesquisa e do projeto desenvolvido, trazendo uma reflexão sobre os aspectos positivos, as dificuldades encontradas, bem como as ferramentas de informação e comunicação que foram utilizadas e de que maneira as Tics contribuíram no processo de ensino aprendizagem.

Através do referencial bibliográfico, pretende-se sustentar as ideias de autores como Paulo Freire, Cléo Fante, Ana Beatriz Barbosa Silva, Marshall B. Rosenberg, que são referência nos assuntos educação, violência escolar, *bullying* e *cyberbullying*, entre outros.

A proposta metodológica para a realização deste trabalho situa-se em uma abordagem qualitativa, através de estudo de caso e observação participante. Esta metodologia é utilizada para a coleta de dados, em conjunto com a vivência/experiência como orientadora educacional.

Primeiramente, foi realizada a construção do referencial teórico, a partir do material bibliográfico de teóricos da área da educação, psicologia e psicopedagogia.

Os dados foram coletados em uma escola pública do município de Canoas-RS, sendo seu público-alvo alunos dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental.

1.1 Objetivo Geral

O principal objetivo da pesquisa consiste em:

Analisar como as tecnologias da informação e da comunicação podem contribuir no desenvolvimento de um projeto de prevenção ao *bullying* e ao *cyberbullying* no Ensino Fundamental.

1.1.1 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- Identificar ferramentas e recursos tecnológicos para trabalhar a prevenção ao *bullying* e *cyberbullying* junto aos alunos;
- Realizar um levantamento acerca da ocorrência de *bullying* e *cyberbullying* com os alunos dos sextos e sétimos anos da escola através de um questionário *online*;
- Identificar fatores positivos e dificuldades encontradas no desenvolvimento de um projeto de prevenção ao *bullying* e *cyberbullying* junto aos alunos dos sextos e sétimos anos da escola.

2 VIOLÊNCIA ESCOLAR – UMA QUESTÃO DE CULTURA?

Em geral, reconhece-se cultura como sendo tudo aquilo que é passado de geração para geração; mas não é tão simples assim. Então, o que é cultura? Conforme Machado (2002, p. 82) “O conjunto de ideias, conhecimentos, técnicas, artefatos, padrões de comportamentos e atitudes, que caracterizam uma determinada sociedade, visto de um corte transversal no tempo é considerado como cultura”.

Não se pode deixar de questionar. Quem define, portanto, o que é realmente cultura? O que a sociedade estabelece como “padrões de cultura”? Será que estes padrões de cultura são os mesmos das classes menos favorecidas? Segundo Grinspun (2010, p. 65) “O termo cultura possui diversas definições, sendo seu enfoque relacionado não só ao autor, mas ao tempo histórico em que foi produzido”.

Pode-se afirmar que as realidades são bem diferentes e, conseqüentemente, os padrões, as necessidades, os sonhos, os costumes e as tradições diferem.

Numa época em que as pessoas vivem o auge do consumismo, acaba-se, por consequência, excluindo as classes menos favorecidas, por não terem a roupa de marca, o celular, ou a bolsa, fazendo com que este grupo social não seja aceito em outro. Muitos aspectos são marcos que podem influenciar na exclusão. Para Machado (2002, p.25) “De um modo geral, a palavra “cultura” é entendida como a maneira de um grupo social compreender a vida. Cultura é tudo aquilo que um determinado grupo social “cultua”, isto é, inclui seus valores e suas tradições [...]”

E é na escola, quando há a junção de vários grupos, que esse reflexo da exclusão vai ser estampado. Gerando grupos de alunos excluídos e marginalizados por diversos fatores: a não aceitação do grande grupo daquele que é diferente, seja pelo físico, pelo poder aquisitivo, por seu jeito de ser. Fatores estes que são estabelecidos dentro dos próprios grupos.

O medo de aceitar e de ser recriminado ou excluído do grupo; assim começam os grandes conflitos sociais, dentro da escola, que deveria ser um ambiente de socialização para a criança e acaba por ser um lugar de desconforto e de humilhação pela discriminação.

Nessa complexidade de relações de significados, de forma diferenciada, é que surgiu a perspectiva multicultural. Assim, afirmar que nossa sociedade

é marcada por uma diversidade cultural significa reconhecer a pluralidade de grupos sociais, étnicos e culturais que a compõem. Significa, também, valorizar a riqueza que essa heterogeneidade traz à sociedade e rejeitar quaisquer mecanismos discriminatórios contra grupos que se manifestem em seu interior. (MACHADO, 2002, p: 31)

Pode-se constatar, em todas as classes, a exclusão de indivíduos que, por algum motivo, não se enquadram nos padrões culturais pré-estabelecidos por aquela comunidade. Intimidados pelo grande grupo, os que não aderem às regras, às rotinas e às atitudes da maioria, são marginalizados e perseguidos. Na escola, o professor deveria saber trabalhar com a diversidade de culturas.

A diversidade cultural está presente na escola, os alunos são produtos da cultura de sua família, do seu bairro, da sua comunidade, da sua religião.

Quando há dificuldade de trabalhar determinado assunto, a Orientação encontra-se habilitada para auxiliar.

O papel da Orientação em face de nossa realidade cultural será, em primeiro lugar, resgatar a cultura do nosso país (através do espaço onde a Orientação ocorre), com todas as suas diferenças, características (cultura popular ou erudita), costumes, regras e valores e, em segundo lugar, criar condições favoráveis ao surgimento e desenvolvimento de ações relacionadas ao nosso momento cultural e à preparação da cultura brasileira, que apresentar-se-á em outros e novos momentos da nossa história. (GRINSPUN, 2010, p.70)

Dentro desta realidade, o professor deveria ser um educador em constante atualização, para que pudesse alcançar os conceitos culturais buscando sempre a melhor forma de incluir, de respeitar e de intervir nas questões culturais pertinentes à escola. Sem o pleno conhecimento de que educar é um ato político, não é possível formar cidadãos conscientes para a atuação e para a vida em sociedade. Buscar uma troca de conhecimentos entre as diferentes culturas e apresentar aos educandos um “multiculturalismo”.

Os pontos importantes da Orientação, a serem desenvolvidos com os alunos, envolvem o multiculturalismo, a política de identidade cultural e os movimentos sociais, que apresentam diferentes visões culturais no interior das nações. Estas questões trazem para a escola um debate rico, com importantes desafios e oportunidades para o estreitamento das relações da cultura e da dimensão do currículo. (GRINSPUN, 2010, p.72)

Conforme Machado (2002, p.27), os professores devem sempre aproximar o conteúdo a ser transmitido às realidades de seus alunos, e não submeter a

explicação didática à sua experiência de vida particular ou limitar-se a serem meros repetidores da engrenagem de ensino.

O processo educacional, atualmente, teria que ser trabalhado de forma que professor e aluno trocassem conhecimentos, buscando fortalecer a educação. Lembrando que os conteúdos aplicados teriam que possuir uma linguagem conforme a realidade de cada indivíduo, o que não ocorre.

Devemos levar o aluno a valorizar todas as manifestações culturais de sua comunidade ou Estado, país, resgatando, por exemplo, a cultura de nossa comunidade, conhecendo de perto seus valores e tradições. A Orientação poderá ajudá-los a desvelar a sua própria história cultural/social. (GRINSPUN, 2010, p.71)

Os professores teriam que aceitar a diversidade de valores sem ter medo de mudanças, pois as múltiplas culturas valorizam os indivíduos, tendo em vista que a diversidade cultural é uma troca de conhecimentos.

O que precisa ser modificado não é a cultura do aluno mas a cultura da escola, que é constituída a partir de um singular arquétipo cultural, o hegemônico, de cuja influência decorre de seu caráter monocultural... a educação multicultural deve ser compreendida como um conceito complexo e multidimensional, que proponha um novo modelo para o seu desenvolvimento na escola, baseado em dimensões culturais inter-relacionadas. (MACHADO, 2002, p: 54-55)

Podemos perceber que num ambiente escolar, rico em diversidades culturais, o educador tem, com certeza, um grande aliado, um instrumento facilitador nos processos de ensino e aprendizagem. Mas para que esta diversidade venha a somar, é necessário que o educador tenha um olhar crítico, buscando todos os envolvidos na prática pedagógica, a fim de resgatar nessas histórias de vidas, um grande projeto, uma proposta de construção no coletivo, sem exclusões ou diferenciações, pontuando na simplicidade do dia a dia uma jornada incessante para a conquista do novo.

Traçando uma nova vida em conjunto a partir de várias, no ambiente escolar, objetivando um educando mais epistêmico.

[...] além de ser necessário abriremos para a Educação a possibilidade de novas leituras teóricas, é indispensável pensarmos na possibilidade de novos enfoques metodológicos. A constatação desta necessidade ocorre ao enfrentarmos o desafio de pesquisar o cotidiano escolar. O cotidiano escolar é tão amplo e complexo que nem sempre encontramos a melhor solução para o estudo e enfrentamento de sua problemática nos padrões convencionais de análise comumente utilizados. (FAZENDA; 1992, p.79)

Tornando possível a coexistência de múltiplos grupos, não havendo superior ou inferior, todos com seus costumes, tradições, culturas.

Em contraponto, o que vemos é a cultura do individualismo, do modismo, do capitalismo, que, por sua vez, acaba estimulando a violência, esta que se mostra cada vez mais presente nas nossas casas, nas escolas, nos locais públicos, tornou-se uma “epidemia” que se dissemina de forma rápida e constante. Parece que estamos entrando na “era do caos”, onde nossos alunos estão aderindo cada vez mais e mais a essa distorção de valores e à banalização dos sentimentos.

O problema é que isso já está fazendo parte da rotina de muitos educandos, estes que se apropriaram de uma gama de informações que mais tarde serão desencadeadoras de situações de violência.

Banalizar significa cair na rotina, aceitar o que é corriqueiro, cotidiano. Tudo que é banal não tem importância, não provoca impacto, nem chama a atenção... E a vida não é banal, nem a violência pode ser banal. Pior ainda, sempre que minimizamos os atos prejudiciais à vida das pessoas, a ponto de fazê-los parecer naturais, isso nos faz esquecer (ou simplesmente ignorar) que esses atos resultam de vontade humana. (ARANHA, 1997, p: 30).

Não podemos nos omitir e sequer permitir que este processo aconteça e que estas atitudes tornem-se normais e que a sociedade aceite de braços cruzados.

Pode-se, então, afirmar que é preciso um processo de conscientização dos valores para que, assim, possamos estimular os nossos alunos a usar de solidariedade e de compaixão, sendo realista quanto às consequências de seus atos. Com a conscientização dos atos e de suas consequências, espera-se que o aluno torne-se mais reflexivo, buscando na ética e na moral bases para discernimento dos atos, reconhecendo que a prática da violência acaba por gerar consequências para todos que estão envolvidos na cena.

Hoje, o educando tem fácil acesso a esse “culto à violência”, não precisamos ir longe, basta ligar a televisão, acessar a Internet, abrir o jornal ou até mesmo ir à escola. Esta que deveria ser local de crescimento crítico, físico, moral e espiritual, mas tem se tornado uma faca de dois gumes, pois tanto assistem às cenas e a episódios de violência, como sofrem e, pior, até mesmo os praticam.

Desde cedo as crianças são entupidas com filmes violentos. Alguns canais de tevê e certos jornais dão destaque ao noticiário que transforma a

violência em *show* a ser apreciado comodamente do sofá. Não estamos condenando de antemão a veiculação de cenas desse tipo, porque, afinal, a violência faz parte da vida e não há por que escondê-la. No entanto, não deixa de ser curioso que o gosto pela violência tenha se tornado tão intenso nos últimos tempos. Talvez esses excessos no imaginário reflitam justamente ao excesso da violência existente no mundo real [...]. (ARANHA, 1997, p: 34)

A imposição do medo através das gangues, do *bullying*, do *cyberbullying* e outras atitudes preocupam os professores de escolas do Brasil. Mas a violência não se dá apenas em escolas de periferia, nelas o índice é maior, mas os dados apontados nas pesquisas mostram que as escolas particulares também sofrem com os mesmos problemas, o que diferencia é que em algumas os números serão maiores que as outras. Devido aos dados alarmantes, muitas escolas no Brasil, têm buscado programas antiviência.

Os professores, pais, alunos, comunidade em geral, presenciam a crescente onda do fenômeno chamado *bullying* e *cyberbullying*. Os que antes diziam que era brincadeira, coisas de criança, agora têm que parar e pensar.

3 A UTILIZAÇÃO DAS TICS NO AMBIENTE ESCOLAR

De que forma as Tecnologias de Informação e Comunicação podem ser utilizadas no ambiente escolar? `Pode ser utilizada como ferramenta facilitadora no processo de ensino aprendizagem, com certeza, pela familiarização que os jovens tem com as mídias, por serem atrativas e despertarem mais a curiosidade dos alunos. Mas o que são Tecnologias de Informação e Comunicação?

Para Oliveira:

As Tecnologias da Informação e Comunicação referidas como TIC são consideradas sinônimos das tecnologias da informação. Contudo, é um termo geral que frisa o papel da comunicação na moderna tecnologia da informação. Entende-se que TIC consiste de todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação. Em outras palavras, TIC consiste em tecnologias de informação (TI) bem como quaisquer formas de transmissão de informações e correspondem a todas as tecnologias que interferem e mediam os processos informacionais e comunicativos dos seres (OLIVEIRA, 2015, p 77)

Na escola, as TICs podem ser usadas de maneira a despertar e estimular a curiosidade dos alunos, a fim de que participem com mais interesse das atividades propostas.

O debate sobre os impactos sociais das TIC no sistema educacional não é recente e tem alimentado o fortalecimento de uma agenda para as políticas públicas no campo da educação. Inicialmente focados no provimento de infraestrutura de acesso, os programas de fomento do uso das TIC no âmbito escolar tem como ponto de partida uma expectativa de profundas mudanças nas dinâmicas de ensino - aprendizagem - sobretudo na busca pela transformação de práticas pedagógicas e por um aumento do desempenho escolar. (BARBOSA, 2014, p. 27).

Com o fácil acesso à *internet* nos tempos modernos, as tecnologias da informação têm cada vez mais importância no dia a dia da escola, utilizando este recurso a favor do professor.

[...] a sociedade de informação coloca novos desafios a todos os cidadãos como aprender a aprender, informar - se, comunicar, raciocinar, comparar, decidir, cooperar. Estes desafios exigem uma resposta por parte da escola. A renovação e modernização do ensino é uma questão na ordem do dia, tanto nacional como internacionalmente. (IENNACO, 2009, n.p.)

Contudo, percebe-se na escola, na prática cotidiana uma grande resistência dos professores em utilizarem os recursos de mídias na escola. Em sua grande maioria, relatam não ter preparo/formação para desempenhar a função de levar os

alunos para o laboratório de informática, por exemplo, além de não terem horário de planejamento para isso.

[...] não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação de forma geral, mas a maneira com que essa tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação. Essa maneira pode ser revolucionária, ou não. Os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo do que as tecnologias utilizadas seja o livro, o giz ou o computador e as redes. (KENSKI, 2010, p. 121)

Com os grandes avanços da tecnologia, os atrativos voltados ao público jovem, como aplicativos, *games* e *softwares*, o professor precisa buscar novos conhecimentos, novas alternativas e usar as TICs como ferramenta facilitadora na construção do processo de ensino – aprendizagem, de forma a chamar a atenção de seus alunos e com isso despertar um maior interesse, maior participação.

[...] TICs, tecnologias da informação e comunicação. Cada vez mais parece impossível imaginar a vida sem essas letrinhas. Entre os professores, a disseminação de computadores, internet, celulares, câmeras digitais, e-mails, mensagens instantâneas, banda larga e uma infinidade de engenhocas da modernidade provoca essas reações variadas. [...] [Porém] a relação entre a tecnologia e a escola ainda é bastante confusa e conflituosa. (POLATO, 2009, p. 50).

O professor que coloca em prática a utilização das mídias em sala de aula encontra benefícios e crescimento de seus alunos. Conforme Silva (2010, p. 4), “é necessário saber o que usar, como utilizar e saber para que está usando”.

Porém, é necessário que os docentes tenham domínio das mídias a serem utilizadas e estratégias de utilização, saber de que maneira é possível aproveitar as vantagens que esta ferramenta proporciona.

E importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações e simulações), pela multimídia, pela interação online e off-line. (MORAN, 2003, p. 61).

A tecnologia está tão presente em nossas vidas que, por vezes, acaba passando despercebida. Na escola não poderia ser diferente, pois os recursos de mídia estão disponíveis para a utilização de docentes e discentes. No entanto, os docentes precisam fazer uso destes instrumentos que podem ser poderosos aliados ao desenvolvimento de cada aluno, auxiliar, promover a aprendizagem através de

maneira lúdica, alternativa e inteligente para chamar a atenção do aluno estimulando o raciocínio e a criatividade.

Estamos vivendo um novo momento tecnológico. A ampliação das possibilidades de comunicação e de informação, por meio de equipamentos como telefone, a televisão e o computador, altera a nossa forma de viver e de aprender na atualidade. (KENSKI, 2010, p. 24).

A ideia é tornar os alunos multiplicadores da paz na escola, com ideias e projetos de prevenção e combate à violência escolar, ao *bullying* e *cyberbullying*. Para tanto, no projeto pedagógico apresentado nesta pesquisa, usam-se as TICs para chamar a atenção dos alunos, como ferramenta facilitadora, estimulando a sua participação.

4 O FENÔMENO *BULLYING*

Bullying é um termo que não é fácil de ser traduzido. Na realidade, o *bullying* é um conjunto de atos ou ações agressivas e intimidadoras, sem razão aparente, que podem ser praticados em um indivíduo ou em um determinado grupo, onde os personagens são: agressores, vítimas e testemunhas.

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada por muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizados pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar. (FANTE; 2005, p.27)

Conforme Fante (2005, p.28), “O *bullying* acontece, através de um subconjunto de comportamentos agressivos”. Por meio de atitudes repetitivas, focado em uma vítima, onde o agressor (chamado de *bully*) estabelece e deixa claro para todos a sua superioridade e relação de poder sobre as suas vítimas.

Caracteriza-se o *bullying* através de sucessivas investidas agressivas contra uma vítima, onde esta não consegue se defender, causando sérios transtornos e consequências sobre ela, tais como: angústia, medo, terror, sofrimentos.

O programa de intervenção proposto por Olweus tinha como características: desenvolver regras claras contra o *bullying* nas escolas, alcançar um movimento ativo por parte de professores e dos pais, aumentar a conscientização do problema para eliminar os mitos sobre o *bullying* e promover o apoio e proteção para as vítimas. Segundo Olweus, os dados de outros países indicam que as condutas de *bullying* existem com relevância similar ou superior às da Noruega, como é o caso da Suécia, Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Países Baixos, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália. (FANTE, 2005, p. 45 – 46).

Existem várias ações que caracterizam o *bullying*, sendo através de danos morais, como insultar, gozar, colocar apelidos, ofender, encarnar, sacanear, humilhar, intimidar, acusar; fazer sofrer, discriminar, isolar, excluir, ignorar, perseguir, assediar, tyrannizar, aterrorizar, amedrontar, dominar até partir para atos ainda mais agressivos como ataques físicos, empurrar, brigar, agredir, bater, chutar, ferir e até danos materiais, através de roubos de lanches, material escolar, roupas, quebrar pertences.

Portanto, os atos de *bullying* entre os alunos apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra a mesma vítima; apresentam uma

relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos. (FANTE; 2005, p. 49).

Podemos entender o *bullying* como uma forma de poder, de crianças contra crianças.

Estudos apresentam como um fenômeno, foco de várias pesquisas principalmente nas duas últimas décadas. A este fenômeno, damos o nome de *bullying*.

Para Silva (2010, p.20), “O *bullying* tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo”.

Fante relata que o Brasil adotou a tradução do termo que é mais utilizada no mundo: *bullying*, com um significado alarmante para este termo, sendo: “*valentão*”, “*tirano*” (nome) e “*brutalizar*”, “*tiranzar*” “*amedrontar*” (verbo). (FANTE, 2005. p. 28)

(...) é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre estes comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. (SILVA, 2010, p. 20).

Existe uma dificuldade encontrada por pesquisadores e estudiosos de diversos países quanto ao nome, sendo possível encontramos termos correspondentes ao *bullying* em diversos idiomas.

Em alguns países, há outros termos que conceituam estas formas de comportamento. Mobbing é um deles, utilizado na Noruega e na Dinamarca; já Mobbning é o termo utilizado na Suécia e na Finlândia. Estas terminologias são usadas com significados e conotações diferenciadas. A raiz inglesa mob; faz referência a um grupo anônimo de indivíduos que geralmente pratica o assédio. No entanto, quando uma pessoa atormenta, hostiliza ou molesta outrem, o termo utilizado para caracterizar esta atitude é o mobbing. Mesmo não sendo uma denominação adequada no que se refere à lingüística, mobbing é usado para caracterizar uma situação na qual um sujeito, sozinho ou em grupo, ridiculariza um outro sujeito. Na França o conceito utilizado é Narcèlement Quotidièn, na Itália utiliza-se Prepotenza ou Bullismo, no Japão denomina-se yjime, já na Alemanha é conhecido como *Agressionen unter Schülern*, na Espanha, como *Acoso y Amenaza entre Escolares*; e em Portugal, *Maus tratos entre Pares* (FANTE, 2005, p. 27).

Segundo Fante (2005), faz-se necessária a conscientização para a realidade do problema, que já toma dimensões a nível mundial, causando grande preocupação para estudiosos de todo o mundo. Fante ainda destaca que, o *bullying* é um fenômeno muito antigo, apenas estava mascarado com outro nome, era chamado de “brincadeiras de crianças”, de “brincadeiras de mau gosto”, entre outros. Apesar da consciência de toda a problemática, não se buscava uma solução ou intervenção para o assunto em questão. Especialmente, nas escolas, os profissionais apenas, como se costuma dizer na cultura popular, “apagavam incêndios”, depois do ocorrido, esquecia-se do assunto, pelo menos até a próxima agressão. Até meados da década de 1970, não havia grandes esforços, nem da escola, nem dos responsáveis, nem da sociedade para a busca de soluções, estudos sobre o assunto ou sequer discussões sobre o tema em questão. (FANTE, 2005, p. 44 -45).

Em geral, há um despreparo dos profissionais da educação para lidar com a questão da violência, muitos acabam por reagir com violência à própria questão da violência. Muitas vezes, o despreparo faz com que o professor sinta-se incapaz e impotente para esta questão, o medo de lidar com algo desconhecido pode fazê-lo se sentir incapaz de oferecer uma resposta.

Assim, o autoritarismo e a imposição, acabam por tomar conta da situação, na busca em conseguir recuperar o controle que já estava perdido.

Ao deparar-se com o *bullying*, geralmente o aluno não vê mais alternativas, acaba por evadir da escola, cessando as agressões e maus tratos, ou assume o papel de vítima e recolhe-se em silêncio aceitando a sina que lhe foi imposta ou, por último e mais grave, acaba por repetir os maus – tratos sofridos, tornando-se uma vítima agressora.

Com o passar dos anos, o *bullying* passou de uma novidade para uma preocupação constante nas escolas, cada vez mais forte e mais intenso, mais elaborado e mais chocante.

Entramos na era do *CYBERBULLYING!*

5 CYBERBULLYING

Os avanços tecnológicos proporcionam um mundo a um clique, porém, estas tecnologias devem ser usadas com ética, sabedoria e, principalmente, para fins que tragam benefícios a crianças e jovens. Estes devem ser orientados e monitorados pelos seus responsáveis, para que não corram riscos no universo *online*, *Facebook*¹, *Whatsapp*², e tantos outros recursos que a internet nos oferece, muitas vezes utilizados para fins não benéficos.

Apesar de ser cada vez mais utilizado, o termo *cyber bullying* ainda causa certa confusão. Pode ser um tanto difícil defini-lo com precisão. Por isso, é importante entender de que maneira seu filho pode se tornar uma vítima desse tipo de *bullying*. (...) *Cyber bullying*, por definição, é o assédio entre crianças ou adolescentes. O abuso praticado por meios eletrônicos entre adultos é classificado de maneira diferente, não que um adulto não possa ser vítima de *bullying*. Mas é uma prática definida de forma mais ampla e complexa. (CARPENTER, 2011, p. 189)

Carpenter (2011, p. 190) destaca e classifica os tipos de *cyberbullying*:

Assédio: é uma ação ofensiva e repetida nas redes sociais, através de sites de relacionamento, e-mails, mensagens de texto. O assédio normalmente tem longa duração;

Flaming (“atear fogo, inflamar”): através de conversas e salas de bate – papo públicas pode começar com conteúdo hostil e/ou agressivo, com um leve desentendimento e se agravar. Geralmente o *flaming* tem curta duração;

Difamação: “difamar, ferir a honra” – quando espalham mentiras sobre a criança ou o jovem com objetivo de destruir a reputação;

Despersonalização: quando o “bullie” se faz passar pela vítima, roubando sua identidade e mandando mensagens agressivas e ofensivas aos colegas, fazendo-se passar por ela;

Trapaças: muito comuns e costumam atingir os relacionamentos sociais das vítimas. No intuito de pertencer ao grupo acaba concordando com coisas que não acha certo, que até então seriam confidenciais e acabam por serem divulgadas pelos “bullies” virtuais, deixando o grupo com ódio em relação a vítima;

Uso de informações pessoais: divulgar informações confidenciais da vítima. Ocorre mais com meninas, após desentendimentos, divulgando os dados umas das outras;

Exclusão: exclusão online também chamada de *cyberostracismo*, quando a vítima é totalmente bloqueada, impedindo-a de enviar e-mails, participar de grupos, de ver mensagens;

¹ Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Facebook>

² Whatsapp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smarthphones*. Além de mensagens de textos, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão a *internet*. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Whatsapp>

Exposição indevida: quando fotos ou vídeos da vítima são divulgados de maneira online. Alguns tipos de fotos hoje em dia, são chamadas de *nudes*, expondo o corpo da vítima ou partes dele, causando sofrimento e humilhação incalculáveis.

No dia a dia de uma escola, a Orientação Escolar se depara com inúmeras situações de conflitos, como, por exemplo, nas redes sociais. Neste caso, a tecnologia é utilizada de forma desenfreada para constranger, humilhar, excluir e tornar a vida dos colegas um verdadeiro terror.

Para SILVA (2010, p. 125): “Essa nova modalidade de *bullying* vem preocupando especialistas e comportamento humano, pais e professores em todo o mundo. E isso se deve ao fato de ser imensurável o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas.”

O *cyberbullying* chegou com força total nas escolas e hoje é a maior preocupação dos professores e equipe diretiva. Entender o que é o *cyberbullying* é fundamental para o combate direto.

O *cyberbullying* pode ser definido como intimidação, assédio ou ameaças repetidas e conduzidas por meio de qualquer via de tecnologia da comunicação, incluindo e-mails, mensagens instantâneas, salas de bate - papo, sites de relacionamento, telefones celulares etc.” (CARPENTER, 2011, p. 189)

O trabalho da Escola e da Orientação passou a atender, em sua maioria, casos de *bullying* em redes sociais, os alunos as utilizam para ameaçar, ofender, hostilizar, ridicularizar, marcar locais para brigas, entre outras ações.

Também temos que levar em consideração a velocidade da propagação e a característica que é a garantia de uma continuidade no processo de intimidação, que é o anonimato. A prática do *cyberbullying* tem atingido proporções alarmantes, pois os *bullies* cibernéticos ou virtuais, como são chamados, não podem ser identificados por suas vítimas, pois se escondem através de apelidos ou *nicknames*³, tornando a prática muito comum entre os adolescentes.

O que podemos dizer sobre os praticantes de *bullying* virtual é que a maioria absoluta deles é composta por adolescentes. No entanto, não há, até o momento, uma maneira precisa ou eficaz de traçar o perfil exato desse jovem. Isso ocorre porque os ataques efetuados contra as vítimas são virtuais e neles a identidade do agressor não se torna pública. Por outro

³ Nickname : nome curto e fácil de recordar, pelo qual uma pessoa se identifica quando está a conversar, usado geralmente em chats. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionario/lingua-portuguesa/nickname>

lado, as vítimas, quando descobrem quem são seus *bullies* virtuais, raramente os denunciam. (SILVA; 2010, p. 130)

Os jovens estão utilizando as mídias em prol de uma cultura de violência, onde é muito fácil esconder-se através de um nome “*fake*”, que seria um nome falso. O anonimato contribui para que o *cyberbullying* seja praticado e encoraja aqueles que o fazem, pela facilidade de não serem descobertos.

Silva (2010, p. 139), ainda destaca que: “Os alunos devem ser alertados sobre os tipos de crimes que são praticados de forma virtual. Devem saber que o anonimato e a menoridade não os isentam de responsabilidades e de punições, caso cometam esses atos ilícitos. Já existem leis específicas para isso.”

Por vezes, a própria vítima acaba por fazer *cyberbullying*, tornando-se um praticante por não conseguir sair daquela situação, extravasa a sua raiva e a sua impotência através da prática do mesmo, dificilmente denunciando o agressor, por não ter como identificá-lo.

Muitas vezes, os alunos sofrem tanto por serem perseguidos, excluídos e expostos que começam a prática da automutilação, desenvolvem transtornos psicológicos, como crises de ansiedade, pânico, depressão e, em alguns casos mais extremos, cometendo o suicídio.

Qualquer pessoa submetida ao *cyberbullying* sofre com vários níveis elevados de insegurança e ansiedade. Quando as vítimas são crianças ou adolescentes, as reações são muito mais intensas e as repercussões psicológicas e emocionais podem ser infinitamente mais sérias. Especialmente nos adolescentes, que estão vivenciando uma fase de profundas mudanças cerebrais, os ataques de *bullying* virtual podem se constituir um fator desencadeante de diversas doenças mentais. [...] O quadro clínico ou mental desenvolvido por cada indivíduo, está intimamente relacionado com a predisposição genética e com os fatores educacionais e culturais que cada um vivenciou. (SILVA; 2010, p. 138).

Devemos destacar que hoje já existem maneiras de rastrear o *cyberbullying*, porém deve ser feito através de denúncia, em delegacias especializadas em crimes da internet, e são investigados por policiais peritos, especializados em informática.

Entretanto, sabemos que, quando se trata de internet, e avanços tecnológicos dessa monta, simplesmente não há limites. Quando alguém é alvo de tais perversidades, dificilmente consegue “limpar”, por completo, a “sujeira” deixada por seus praticantes, mesmo que aparentemente a situação esteja sob controle. As imagens, mensagens e filmes difamatórios podem estar, nesse momento, em qualquer computador, celular e afins de todo o planeta. (SILVA; 2010, p. 130)

Dentro da escola, o que acontece com mais frequência são as brigas, ofensas via *Whatsapp* e a divulgação de nudes entre crianças e adolescentes. Temos que levar em consideração todos os avanços que a modernidade nos proporciona, porém temos que fazer uma reflexão sobre os perigos do uso sem ética e respeito.

Vivemos momentos críticos de individualismo, onde o coletivo não é o mais importante, a banalização dos valores, a falta de limites e acompanhamento dos responsáveis, quando tentam compensar a ausência através de bens materiais, da permissividade, do aval a certos tipos de atitudes ditas como “brincadeiras”.

A pouca habilidade de lidar com suas emoções e afetos, bem como a reduzida competência de racionalizar as consequências de seus atos, fazem dos adolescentes indivíduos com grandes chances de cometer atos egoístas, impulsivos, irresponsáveis e até delinquentes. [...] Exatamente por terem dificuldade de se colocarem no lugar do outro, muitos adolescentes acreditam que seus atos são apenas “brincadeiras” sem maiores consequências e sabe que, se forem descobertos, nada lhes poderá acontecer, uma vez que são menores e protegidos pelo ECA. (SILVA; 2010, p. 135)

O *bullying* evoluiu tanto que, hoje em dia, basta ter acesso à *internet* e fazer o uso indevido das tecnologias, assim se dá a prática do *cyberbullying*, os alunos não precisam estar na escola para praticá-lo.

A escola, juntamente com a família, tem o papel de levar o acesso às informações, preparar o jovem para a vida. Orientar a forma de uso consciente e responsável, mostrar os perigos e alertar sobre as práticas indevidas e o mau uso das tecnologias.

O *cyberbullying* é uma constante preocupação, não somente da Direção, da Orientação, da Supervisão, mas também dos professores e funcionários da escola que presenciam a crescente demanda de alunos que procuram o SOE (Serviço de Orientação Escolar) sem saber o que fazer e como agir diante de tal situação, em função de ameaças na *Internet*. O *bullying virtual* aumentou consideravelmente, gerando uma busca incessante por alternativas para trabalhar com os alunos e diminuir esta questão.

Para SILVA (2010, P. 164): “Sabemos que o papel dos professores é fundamental para a detecção precoce dos casos de *bullying*. Em geral são eles que mantem uma visão privilegiadas interações pessoais que ocorrem entre os alunos de uma mesma classe.”

Faz-se necessário o movimento em busca dos valores e resgate desses alunos, organizar estratégias de combate ao *bullying*, mas principalmente programas que sirvam para prevenção. Estes programas devem envolver não apenas professores e alunos, mas toda a comunidade escolar, incluindo pais, funcionários etc. Estabelecer programas *anti-bullying* é uma medida preventiva que pode envolver toda a comunidade educativa e tem resultados positivos. Há quatro fatores que são de suma importância, que devem ser divulgados e seguidos para que haja sucesso na campanha *anti-bullying* são eles: informação, sensibilização, conscientização e mobilização.

Objetivando a melhora das relações interpessoais, a afetividade, o desenvolvimento e busca dos valores, para que não haja mais conflitos e situações de agressões e violência, almeja-se uma “educação para a paz”.

6 EDUCAÇÃO PARA A PAZ

É na escola, espelho da sociedade que é possível o início do desenvolvimento de uma consciência voltada para os valores humanos e pela luta por uma sociedade mais justa e igualitária onde todos convivam em paz com as diferenças.

Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso, mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo. (FREIRE, 1998, p.47).

A proposta de educação para a paz prima por uma prática pedagógica com objetivo de eliminar toda forma de violência presente na comunidade educativa, impulsionando os sujeitos para a reconstrução de uma sociedade mais justa e solidária, eliminando a exclusão e a opressão social. Cabe ao educador da paz definir uma estratégia de ensino, que permita a reflexão sobre a importância das resoluções de conflitos de modo não violentos, desenvolvendo uma concepção onde predomine a humildade e a tolerância.

Conforme a definição do dicionário da língua portuguesa, a palavra paz origina-se do latim – *pace* e significa estado de um país que não está em guerra; tranquilidade pública; cessação de hostilidades; serenidade de espírito; boa harmonia; sossego; conciliação; concórdia; união; silêncio.

Para Xesus (2002, p. 123) “Entende-se por educação para a paz o processo contínuo e sistemático da luta pela superação das injustiças sociais e violação dos direitos humanos. Educar para a paz é um movimento dinâmico, fundamentado nos conceitos da paz e da humanidade. Onde há vida humana há conflitos, a perspectiva do conflito é um processo social e natural”.

Devemos romper com a leitura negativa que está associada à palavra conflito, pois ele não é algo indesejável patológico ou abominável, é apenas um tipo de incompatibilidade ou percepção, graças a ele a sociedade e a ciência obtiveram avanços. A agressividade faz parte da conduta humana, sem ser necessariamente negativa, é positiva à medida que impulsiona o indivíduo para a sua autoafirmação ou a de um grupo, sendo caracterizada pelos processos culturais de sociabilização.

A educação para a paz é um processo dirigido tanto aos indivíduos como a sociedade para que atuem, conforme os princípios contidos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e de todo o corpus jurídico internacional que os desenvolve, em favor do desenvolvimento sustentável dos povos, da proteção e da conservação do meio ambiente, da aspiração e da ação em prol do desarmamento, do fortalecimento da consciência social e da solução não violenta dos conflitos. (RAYO, 2003. p. 98).

O desenvolvimento da justiça social, dos direitos humanos, da democracia e do fim da agressividade negativa, fundamenta a educação para a paz. Segundo Paulo Freire, “a paz é criada e construída com a superação das realidades sociais perversas (...), com a edificação incessante da justiça social” (1986, p.46).

Quando nos referimos à palavra paz, não estamos fazendo alusão apenas contra as guerras, mas à presença de justiça e à eliminação de todas as formas de violência que atentam contra a dignidade humana.

A ideia de dignidade humana, contudo, que está no centro do conceito de direitos humanos, não se refer apenas ao respeito aos direitos civis e políticos, mas estes tem de ser concedidos no cumprimento aos direitos econômicos, sociais e culturais. Por isso, não podemos separar a noção de dignidade da noção de cidadania, na medida em que esta não pode ser independente da dimensão social. (XESUS apud AÑON, 2002. p. 100).

Não é possível a existência da paz isoladamente, a paz ou o conflito se dão na relação com o outro, é uma construção social e um resultado das relações humanas.

Pensando a educação sob o enfoque da convivência, reconhece-se a educação para a paz como ponto fundamental para o desenvolvimento de competências e habilidades para este âmbito. Tal desenvolvimento torna-se indispensável ao processo educativo quando se reconhece o cenário de violência presente no ambiente escolar.

Inserindo a educação para a paz para o contexto escolar tal questão certamente propõe uma reflexão aos educadores, pois eles são os principais agentes orientadores do processo de superação da violência e de educação para a paz. Educar é antes de tudo formar pessoas segundo uma lógica de construção, educar para a paz é construir uma nova mentalidade voltada para a solidariedade através do diálogo, mantendo uma teia de valores ligados entre si onde a moral, a educação em direitos humanos, a cidadania e a democracia sejam pontos-chave para o pensamento de paz e não de violência.

Dessa forma, no âmbito educacional, surge uma tarefa premente: tornar as escolas instrumentos criadores e potencializadores, que colaborem no desenvolvimento de valores universalmente reconhecidos, como a paz, o entendimento entre os povos, a liberdade, o exercício dos direitos democráticos, a solidariedade e etc. (SERRANO, 2002, p.105).

Buscar na escola o espaço onde se presume ser possível a tomada de consciência dos valores, onde se propaga as situações de ensino-aprendizagem e onde é viável a aprendizagem de tais valores, preferencialmente, de forma multidisciplinar.

Na escola também se pode superar de forma não-violenta os conflitos e as situações-problema cotidianas que afetam a vida de alunos e de educadores. É nela que os valores de solidariedade podem ser ensinados e os próprios métodos de ensino servem de meio para a aprendizagem dos valores de forma a serem vivenciados de forma ativa e participativa pelos alunos.

A educação permanente do mundo atual deve definir-se como uma ruptura dos modelos educativos do passado. A fim de formar sujeitos críticos e pensantes, capazes de exercer sua cidadania, reflexivos sobre suas ações. E o educador deve ser aquele que saberá refletir sobre a sua prática, saber transmitir o conteúdo, para que o educando tenha a possibilidade de fazer a construção do seu próprio conhecimento.

Importante desenvolver estratégias de formação e debate dentro das instituições para que gestores, orientadores e educadores possam, cada vez mais, proporcionar momentos de união, de organização, cooperação, solidariedade, sempre visando ao coletivo. Promover momentos de trocas, estimular a mutualidade e confiança; reciprocidade e perspectiva interpessoal; ética e cidadania. Com isso, pode-se construir o futuro almejado, uma educação melhor, uma *educação para a paz!*

7 METODOLOGIA

A proposta metodológica para a realização deste trabalho situa-se em uma abordagem qualitativa, objetivando trazer aspectos da cena pedagógica que não podem ser mensurados numericamente e buscando entender as relações sociais, os motivos, valores, atitudes, etc.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (SILVEIRA, 2009: p. 33)

E o delineamento da pesquisa é na forma de estudo de caso, objetivando o aprofundamento da análise da cena pedagógica, pois conforme Yin, (2001: p. 32) “Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Utiliza-se de observação participante uma vez que a autora deste trabalho é orientadora educacional na instituição de ensino onde foi realizada a pesquisa.

A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados. (YIN, 2001, p. 116)

Esta metodologia é utilizada para a coleta de dados, em conjunto, com a vivência/experiência como orientadora educacional. A pesquisa foi aplicada em escola pública do Município de Canoas, sendo seu público - alvo os alunos dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental.

Primeiramente, foi realizada uma reflexão organizada das informações descritas em material bibliográfico por teóricos da área da educação, psicologia e psicopedagogia.

Através do referencial bibliográfico, pretende sustentar as ideias de autores como Paulo Freire, Cléo Fante, Ana Beatriz Barbosa Silva, Marshall B. Rosenberg, que são referência nos assuntos de violência escolar, *bullying* e *cyberbullying*, entre outros.

Retoma-se aqui o objetivo de analisar como as tecnologias da informação e da comunicação podem contribuir no desenvolvimento de um projeto de prevenção ao *bullying* e *cyberbullying* no Ensino Fundamental.

Pretende-se observar e analisar representações que se estabelecem entre os alunos através de um projeto pedagógico, realizado com o apoio das TICs.

7.1 Apresentação da Escola

O presente trabalho foi realizado em uma escola pública Estadual no município de Canoas, centralizada onde recebe alunos de todos os bairros da cidade, bem como recebe alunos das cidades vizinhas como Esteio, Sapucaia, São Leopoldo, Nova Santa Rita etc.

A escola recebe muitos alunos das redes municipal e particular, em função disso, percebe-se alunos de todas as classes sociais. Localizado em um bairro que leva o nome da escola, tem uma comunidade escolar pouco participativa nas atividades propostas. Está cercada por pequenos comércios, onde exercem uma excelente parceria e boa convivência, zelando sempre pelo bem estar dos alunos.

Escola de referência no município de Canoas, com 60 anos de caminhada e um público alvo em torno de 1500 alunos. Atende a comunidade nos três turnos, sendo que no turno da manhã oferece Ensino Fundamental Séries Iniciais (6 turmas), Séries Finais (9 turmas) e Ensino Médio (6 turmas); à tarde oferece Ensino Fundamental Séries Iniciais (3 turmas) e Ensino Médio (8 turmas de primeiro ano, 5 turmas de segundo ano e 3 turmas de terceiro ano) e à noite oferece somente Ensino Médio (4 turmas).

7.2 Sextos e Sétimos Anos do Fundamental – As Turmas Escolhidas

O projeto foi realizado nas turmas dos sextos e sétimos anos no turno da manhã. Estas turmas foram escolhidas para iniciarem o projeto pelos seus históricos. Os sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental são as turmas que apresentam o maior índice de indisciplina do colégio. Existe uma divergência de ideias e valores, fazendo com que sejam as turmas mais agitadas do colégio. Existem problemas graves (brigas, *bullying*, *cyberbullying*, desrespeito aos professores) são turmas onde os professores não conseguem trabalhar. Não estão conseguindo administrar os conflitos em turma, nem as confusões e brigas nas redes sociais, trazendo os pais para a escola para discutirem junto com seus filhos as confusões causadas.

A reclamação dos professores era constante, os relatos de que era impossível dar aula nestas turmas era unânime, que os professores saíam com dor de cabeça, esgotados, irritados, sem paciência.

Conseqüentemente estas turmas, em sua maioria, acabam por serem excluídas de atividades básicas da escola.

O setor de Orientação Educacional já havia feito diversas intervenções, tais como: conversas, palestras, trabalhos em grupos, sem obter sucesso.

Com diversos trabalhos nestas turmas sem sucesso, nem êxito, a orientadora educacional, autora do trabalho, propôs um projeto à direção que trabalhasse tanto a indisciplina, quanto o *bullying* e o *cyberbullying*, utilizando as TICs como ferramenta facilitadora.

7.3 Projeto Diga Não ao *Bullying* e ao *Cyberbullying*

Na realização do projeto, foram feitas diversas atividades tanto em sala de aula, como no o laboratório de informática propriamente dito. Foram feitas palestras com parcerias como Cursos, Bombeiros, Agentes de Trânsito.

O projeto foi desenvolvido nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018. O processo pode ser acompanhado através da tabela do Cronograma de desenvolvimento do projeto, abaixo descrita.

Tabela 1 - CRONOGRAMA PROJETO DIGA NÃO AO BULLYING E AO CYBERBULLYING

Cronograma de atividades	Tema	SET	OUT	NOV	DEZ
1. Roda de Conversa com o Soe	Bullying e Cyberbullying	EF (6-9 anos)		-	-
2. Palestras - Parceiros do Colégio (Bombeiros, Trânsito e Cursos)	Bullying e Cyberbullying	EF (6-9 anos)	EF (6-9 anos)		
3. Entrega das autorizações para participação da pesquisa	Nas turmas	-	EF (6-9 anos)	-	
4. Labin –Google Classroom	Descobrir e-mails dos alunos para acesso ao Google sala de aula	-	-	EF (6-9 anos)	
5. Labin - Turmas	Apresentação do Google Sala de Aula para os alunos e exploração.			EF (6-9 anos)	
6. Labin - Animação https://youtu.be/KKShiZAYF4I	Bullying e Cyberbullying	-	-	EF (6-9 anos)	
7. Labin - Procura de notícia	Bullying e Cyberbullying			EF (6-9 anos)	
8. Labin - Roda de Conversa	Conversa sobre as notícias	-	-	EF (6-9 anos)	
9. Labin - Redação	Bullying e Cyberbullying			EF	

				(6-9 anos)	
10. Labin – Pesquisa	Aplicação da Pesquisa	-	-	EF (6-9 anos)	
11. Roda de conversa com o Soe	Encerramento do projeto	-	-		EF (6-9 anos)

Fonte: Projeto Diga Não ao *Bullying* e ao *Cyberbullying*

Os alunos tem um grande fascínio pelas mídias, sendo isso de conhecimento da Orientação, foi através das TICs, como ferramenta facilitadora, que foi proposto o projeto, para estar mais perto da realidade dos alunos, tornando-se atrativo e com isso houvesse a participação efetiva dos alunos.

O projeto foi distribuído em atividades em 3 encontros em sala de aula, 7 encontros no labin (laboratório de informática) e 3 encontros no mini auditório, conforme apresentado em cronograma descrito acima.

O primeiro contato foi em sala de aula, com um bate papo inicial sobre *bullying* e *cyberbullying* com os alunos, também foi esclarecido o que seria o projeto, com as atividades propostas, de modo a sanar todas as dúvidas para aquele momento.

No segundo encontro, foram realizadas as palestras com os parceiros da escola (Bombeiros, Trânsito e Curso Prepara), no mini auditório, com a utilização de *data show*.

O terceiro encontro foi em sala de aula com a entrega das autorizações para participação esclarecendo aqueles que ainda tinham dúvidas e preparando os alunos para as aulas que seriam no Labin. Ali estabelecemos regras de utilização e boa convivência para que todos conseguissem participar.

No quarto encontro, uma turma de cada vez foi ao Labin para iniciar o trabalho. Neste momento, os alunos tiveram o primeiro contato com o Google Sala de Aula, onde em duplas nos computadores acompanharam a explicação e passo a passo para descobrir o e-mail do Educar.

O quinto encontro foi realizado também no Labin, onde os todos os alunos já inseridos nas turmas do Google Sala de Aula, através dos códigos fornecidos pela Orientadora, com o passo a passo de como entrar, tiveram a oportunidade de acessar o espaço e olhar as atividades do dia.

Figura 1 - Tela Google Sala de Aula - Turmas



Fonte: <https://classroom.google.com/u/1/h>

O sexto encontro, os alunos assistiram um curta de animação, *QUE PAPO É ESSE: BULLYING*⁴, que coloca em forma de animação os conceitos de *bullying* e *cyberbullying*.

Figura 2 - Tela Google Sala de Aula - Animação



Fonte: <https://classroom.google.com/u/1/c/MTg4OTE2MDU4NzFa>

Os próximos encontros, sétimo, oitavo e nono ocorreram também no labin, sendo que as atividades desenvolvidas, respectivamente, foram: procura na internet de uma reportagem sobre *bullying* ou *cyberbullying*, apresentação da notícia para os colegas, divulgação da fonte utilizada e redação sobre o assunto em debate.

O décimo encontro foi para responder a pesquisa, sendo ela toda elaborada no Google Formulários e postada nas turmas para a participação de todos.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KKShIZAYF4I&feature=youtu.be> acesso em 21 de novembro de 2018.

Figura 3: Tela Google Sala de Aula – Pesquisa Bullying e Cyberbullying



The image shows a screenshot of a Google Classroom poll. The title is 'Pesquisa sobre Bullying e Cyberbullying'. Below the title, it says 'PESQUISA SOBRE VIOLENCIA ESCOLAR' and 'Objetivo'. A green bar highlights the section 'Dados de identificação de idade, gênero e ano'. The first question is '1. Qual é a sua idade? *'. There are two radio button options: '10 anos' and '11 anos'.

Fonte: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc3gi4Bz4zweWyK5jyAQCOLpqJNLhPRIiZwE2kER-HEZvJ62g/viewform>

O décimo primeiro encontro foi na sala de aula, para encerramento do projeto, onde foi feita uma roda de conversa com os alunos resgatando os pontos positivos e negativos do trabalho.

8 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da coleta de dados, do desenvolvimento do projeto pedagógico e através do levantamento sobre o *bullying* e o *cyberbullying* nas turmas de sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental do Colégio Marechal Rondon na cidade de Canoas, a análise dos resultados foi organizada a partir das seguintes categorias:

- Primeira categoria: destacar as ferramentas de mídia utilizadas no desenvolvimento do projeto e o quanto ajudaram;

O orientador educacional poderá utilizar-se de inúmeros recursos disponíveis (como um jornal, um vídeo, uma entrevista, uma fotografia, etc) para fornecer elementos iniciais que sirvam de fontes esclarecedoras ou provocadoras do objeto desejado. Convém lembrar que esta proposta deve ser planejada de acordo com a realidade existente, valorizando aspectos cognitivos e afetivos. (PORTO, 2009, P. 76)

- Segunda categoria: aponta as questões de maior destaque no levantamento de dados sobre o *bullying* e o *cyberbullying*.

- Terceira categoria: destaca os aspectos positivos percebidos durante a realização do projeto;

- Quarta categoria: aponta as dificuldades encontradas na realização do projeto.

8.1 As Ferramentas de Mídia Utilizadas e o Quanto Ajudaram

Desenvolver um projeto utilizando as ferramentas de mídia trouxe inúmeros benefícios ao processo como um todo. Os alunos estão familiarizados com as tecnologias, nos dias atuais os jovens têm acesso à internet, celular, redes sociais, programas para dispositivos móveis, etc. Esta familiarização é um fator determinante para que o aluno sintam-se chamados, estimulados a participar da atividade proposta.

A profissão de professor sempre teve uma relação direta com livros, giz, quadro negro e papel. Nos últimos anos, isso mudou bastante. O universo de recursos do docente entrou em expansão – pode não abrir mão do material de sempre, mas incorpora hoje uma relação direta com as tecnologias [...] trazendo novas perspectivas para o ensino. (CHAGAS, 2010, p. 16)

A principal ferramenta utilizada no projeto foi o laboratório de informática da escola. Nele, os alunos têm acesso à internet e às demais ferramentas de mídia, tanto as oferecidas *on line*, como as disponibilizadas pela escola.

Utilizar as TICs como ferramenta facilitadora no processo de ensino aprendizagem veio somente somar e dar força no desenvolvimento do projeto. Os alunos ficaram muito atentos e concentrados, buscando a utilização das ferramentas de acordo com as regras estabelecidas.

Através do labin, foi possível o acesso dos alunos à internet, desenvolvendo atividades, tais como:

Acesso aos computadores: os alunos sentaram em duplas e revezavam para a realização das atividades, tornando o processo mais interativo, onde um aluno ajudava o outro se houvesse necessidade.

Acesso à internet: através do acesso a internet, foi possível que os alunos desenvolvessem as atividades planejadas *on line*.

Pesquisa: busca de reportagens na internet sobre o *bullying* e o *cyberbullying*. Os alunos conseguiram de forma satisfatória fazer a pesquisa, todos tiveram acesso aos computadores e tiveram a oportunidade de fazer de forma completa a pesquisa. Houve questionamentos sobre a segurança dos sites, as fontes seguras, as notícias *fakes*. Entenderam de que maneira é feita uma pesquisa na internet, como destacamos a fonte para referência nos trabalhos. Cada aluno teve a oportunidade de falar sobre a notícia escolhida, a fonte, de que maneira pesquisou.

Animação: através do *data show* e do acesso a internet, pode se projetar no telão a animação sobre o *bullying* e o *cyberbullying*. Animação que encantou os alunos, fazendo com que todos participassem do bate papo após a exibição.

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer - os outros, o mundo, a si mesmo - a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, "tocando" as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa - ninguém obriga - é feita por meio da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. (MORAN, 2012. p.32)

Data show: através do *data show* e acesso a internet, a orientadora, autora deste trabalho, pode ensinar os alunos passo a passo de todas as etapas do projeto. O caminho a ser feito era demonstrado e em seguida os alunos executavam.

Descobrir o email Educar: mostrou-se passo a passo aos alunos de como descobrir seu email para participar das turmas no Google Sala de Aula. Apesar dos alunos já possuírem e-mail, a expectativa de fazer um novo para ter o acesso ao ambiente virtual causou uma sensação de euforia geral.

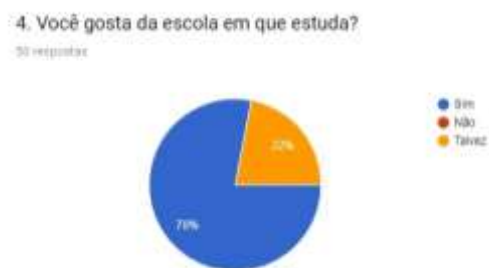
Acesso ao Google Sala de Aula: a orientadora educacional, professora Gisele, autora, montou turmas dentro do Google Sala de Aula para que os alunos acessassem as atividades e participassem. Todos os alunos participaram das atividades, demonstrando a importância das ferramentas de mídia em sala de aula. Saindo do tradicional, incluindo as TICs, pode-se perceber como os alunos participaram de maneira mais intensa e efetiva.

8.2 Levantamento de dados sobre o *Bullying* e o *Cyberbullying*

O levantamento de dados foi feito com os alunos dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental, através de questionário *on line*, com um público-alvo de 50 alunos com idades entre 11 e 16 anos, sendo 27 do gênero feminino e 23 do gênero masculino.

Ao serem questionados sobre a escola, 39 alunos afirmam gostar da escola em que estuda e 11 alunos responderam que talvez gostem como podem verificar na questão 5. Em relação ao ambiente, 11 alunos disseram ser muito, 36 bom e apenas 3 alunos relatam ser um ambiente ruim. Também dizem ter, como mostra a figura 6, a maioria afirma ter um bom relacionamento com os colegas, 47 alunos, e apenas 3 apontaram não ter. Já com os professores, 46 alunos dizem ter um bom relacionamento enquanto 4 marcaram a opção Não como resposta.

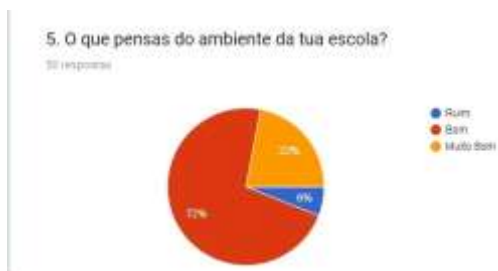
Figura 4 – Você gosta da escola em que estuda?



Fonte:

https://docs.google.com/forms/d/1emITQ_D_A0FCXDx7e7esf_Sj8ApGWh0t373Hw3YRnRc/edit#responses

Figura 5 – O que pensa do ambiente da tua escola?



Fonte:

https://docs.google.com/forms/d/1emITQ_D_A0FCXDx7e7esf_Sj8ApGWh0t373Hw3YRnRc/edit#responses

Com base nestes dados, é possível constatar que os alunos em sua grande maioria gostam do ambiente escolar e possuem um bom relacionamento com os colegas e professores em geral.

O levantamento de dados mostra que os alunos têm consciência de que a violência no ambiente familiar e escolar afeta o desempenho do aluno, e até mesmo apontam que o diálogo é a melhor solução.

Conforme figura 7, quanto ao *bullying* e *cyberbullying*, em um grupo de 50 alunos, 40 relatam saber o significado e 10 relatam não saber.

Quando questionados sobre serem vítimas, 29 alunos relatam que já sofreram *bullying* ou *cyberbullying* e 21 alunos não.

Os locais que ocorrem as práticas com mais frequência são na escola, na vizinhança ou na internet.

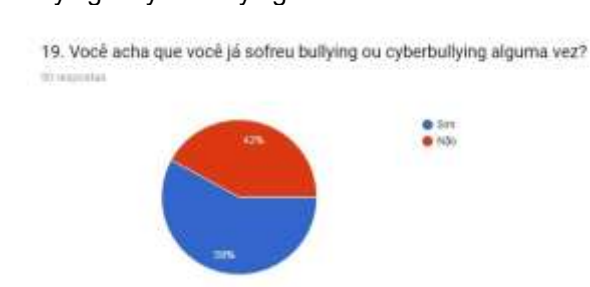
Figura 6 – Você sabe o que é bullying e cyberbullying?



Fonte:

https://docs.google.com/forms/d/1emITQ_D_A0FCXDx7e7esf_Sj8ApGWh0t373Hw3YRnRc/edit#responses

Figura 7 – Você acha que você já sofreu bullying e cyberbullying?



Fonte:

https://docs.google.com/forms/d/1emITQ_D_A0FCXDx7e7esf_Sj8ApGWh0t373Hw3YRnRc/edit#responses

Conforme figura 8, 37 alunos relatam ter presenciado situações de *bullying* ou *cyberbullying*, que variam desde agrêsões verbais, apelidos, gozações, ameaçar, humilhar, bater ou empurrar com violência. E as reações foram as mais variadas, desde nenhuma defesa a pedir socorro, recorrer a alguém e até mesmo apoiar o agressor.

Quanto ao silêncio das crianças Fante refere que:

As crianças vitimizadas pelo comportamento *bullying* sofrem terrivelmente ao longo dos anos, muitas vezes sob a vista de seus professores no ambiente escolar, nas salas de aula. Sofrem silenciosamente, de maneira cruel e velada, maus tratos, humilhação pública, rejeição social, gozações, perseguições, angústias, medos, desrespeito constante e repetitivo, quase sempre por serem diferentes do seu biotipo. (FANTE, 2005, p. 11)

Sete alunos relatam praticar *bullying* ou *cyberbullying*, colocando apelidos, empurrando, ameaçando, humilhando, batendo, isolando, chamando de nomes ofensivos.

Figura 8 – Já praticou bullying e cyberbullying?



Fonte:

https://docs.google.com/forms/d/1emITQ_D_A0FCXDx7e7esf_Sj8ApGWh0t373Hw3YRnRc/edit#responses

Quanto aos sentimentos pelos colegas vítimas de suas práticas, os sete alunos que mostraram-se praticantes de *bullying* e *cyberbullying*, dizem não sentirem nada, raiva, pena e até desprezo. A maior ocorrência é com os colegas da turma, e ao serem questionados sobre arrependê-lo, a maioria relata que sim, houve um sentimento de arrependimento.

Figura 9 – Se sim, o que voce fez?



Fonte:

https://docs.google.com/forms/d/1emITQ_D_A0FCXDx7e7esf_Sj8ApGWh0t373Hw3YRnRc/edit#responses

Quanto às consequências de seus atos, 4 alunos disseram não sofrer punições e 3 relatam sofrer punições, estas variando desde os responsáveis serem chamados, receberem bilhetes e até conversa.

De um modo geral os alunos relatam querer que cesse a prática do *bullying* e do *cyberbullying*.

O impacto do *cyberbullying* é similar ao do *bullying* tradicional que ocorre nas escolas: desgaste físico, emocional e psicológico. Ele também afeta a todos os envolvidos. Crianças e adolescentes que são vítimas desse tipo de *bullying* sentem seus efeitos tanto em curtos prazos (ansiedade e medo) quanto em longo (depressão, baixa autoestima e perda de oportunidades educacionais). (CARPENTER, 2011, p. 197)

Destaca-se um dos pedidos, no qual o aluno pede atividades recreativas de integração com os colegas *“mais atividades recreativas para todos nós nos conhecermos melhor (isso com certeza ajudaria no combate a violência)”*.

8.3 Aspectos Positivos

Durante o projeto, ocorreram algumas situações que podem ser destacadas de forma positiva.

O acesso ao Labin da escola foi uma notícia que causou uma mistura de sentimentos nos alunos de uma forma geral, euforia, alegria, ansiedade, muitos gritaram e bateram palmas.

Durante o projeto o reconhecimento e agradecimento dos alunos para a orientadora Gisele, autora deste projeto, foi muito grande, através de falas e atitudes, os alunos expressaram a satisfação de estarem utilizando este ambiente e as ferramentas de mídia, que num contexto geral eles não tinham acesso.

A partir deste momento, os alunos puderam entrar no ambiente do Google Sala de Aula e acessar todos os registros e atividades ali disponíveis para todos. Conforme a figura 11, a foto registro que feito no primeiro encontro, já havia sido postada, os alunos interagiram em forma de comentário positivos na foto, relataram novamente a grande satisfação de estarem participando do projeto, de ter a oportunidade de ir ao Labin da escola, pois não o frequentavam.

Figura 10: Tela – Foto da Turma



Fonte: <https://classroom.google.com/u/1/c/MTg4OTE2MDU4NzFa>

Outro aspecto a ser destacado é a interação dos alunos nas atividades de acesso às mídias, pode-se constatar que poucos não tinham o domínio, a grande maioria já acessava de forma rápida, com clareza das atividades a serem desenvolvidas, participando de forma satisfatória, interagindo, explorando, trocando ideias, ajudando os colegas que não tinham tanto domínio.

Em uma posição de destaque, salienta-se a atividade da animação, com duração de dez minutos e cinquenta e três segundos, a animação traz de maneira bem clara e acessível informações sobre o *bullying* e *cyberbullying*.

Figura 11 - Tela Animação



Fonte: <https://classroom.google.com/u/1/c/MTg4OTE2MDU4NzFa>

Os alunos ficaram em absoluto silêncio e concentrados assistindo a animação. Puderam perceber o real conceito de *bullying* e *cyberbullying*, pois, antes do projeto, tudo que acontecia na escola era tachado desta forma. A partir do trabalho puderam fazer uma reflexão dos reais conceitos.

Pode-se destacar também a euforia dos alunos por finalmente estarem respondendo à pesquisa *on line*, pois desde o início do projeto estavam na expectativa.

O reconhecimento dos alunos dos aspectos positivos nas rodas de conversas e durante as atividades de mídia deixa evidente a satisfação da participação de todos.

8.4 As Dificuldades

Primeira dificuldade encontrada foi a resistência de alguns responsáveis em autorizar os alunos a participar do projeto, reduzindo o número de alunos participantes.

No decorrer do projeto, houve a necessidade da descoberta do e-mail Educar, muitos não conseguiram acessar o e-mail sendo necessário entrar em contato com o suporte do Google para obtê-los, o que causou uma sensação de frustração impedindo a passagem para a próxima etapa, que seria entrar na turma e acessar os recursos ali disponibilizados.

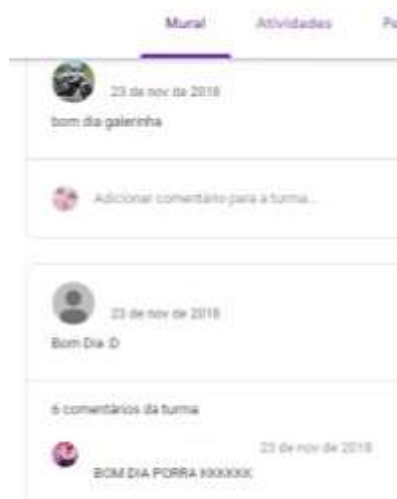
No dia em que os alunos tiveram o primeiro contato e a oportunidade de explorar as ferramentas, e o seu funcionamento, algumas situações ocorreram durante este processo de interação dos alunos com as ferramentas de mídia, destacando-se as principais na sequência.

Trocaram várias mensagens entre si, a partir disso foi necessário explicar que ali não era local para bate papo e sim para realização das atividades com seriedade e responsabilidade. Nesse sentido, a orientadora precisa intervir, conforme esclarece Grinspun:

O orientador clarifica as contradições e confrontos, procurando verificar a situação existente e, nesse meio, busca ajudar o aluno a compreender as redes de relações que na sociedade se estabelecem. O orientador dinamiza, mobiliza as questões coletivas, mas levando em consideração que esse coletivo não é abstrato, e sim formado de indivíduos que devem pensar, criar e agir. (GRINSPUN, 2010, p. 56)

Também houve troca de palavrões, conforme aponta a figura 12, xingamentos e brincadeiras pejorativas, sendo novamente necessário explicar o motivo pelo qual estávamos ali. Também a disputa e rivalidade acentuada (figura 13), ressaltadas na fala de que sua turma era melhor do que a outra.

Figura 12: Tela – Uso de palavrões



Fonte:

<https://classroom.google.com/u/1/c/MTg4OTE2MDU4NzFa>

Figura 13: Tela – Disputa entre turmas



Fonte:

<https://classroom.google.com/u/1/c/MTg4OTE2MDU4NzFa>

Apesar das dificuldades, percebe-se o quanto é enriquecedor o trabalho utilizando as mídias como ferramenta facilitadora. Apontar as regras e estabelecer combinações faz parte para que toda e qualquer atividade tenha sucesso, nas mídias temos o fator de que é atrativo para os alunos.

9 CONCLUSÃO

Percebe-se o quanto é importante a utilização das tecnologias de informação e da comunicação e o quanto podem contribuir no desenvolvimento de projetos.

A interação dos alunos e participação nas atividades propostas, mostra que trazer as mídias como ferramenta facilitadora no processo de ensino aprendizagem contribui de maneira satisfatória.

Existem as dificuldades que podem ser enfrentadas ou evitadas, através de uma maior divulgação das informações, para que os responsáveis entendam o que está acontecendo na escola e autorizem os alunos a participarem dos projetos propostos. A tecnologia só será adversária na Educação se não for utilizada com base e sabedoria. A Educação tem que ser transformadora e não adestradora.

O aluno precisa ser sujeito de sua aprendizagem e não apenas um simples receptor e para isso, o uso de mídias em sala de aula pode contribuir para o seu desenvolvimento e sua integração no dia a dia educacional, juntamente com Profissionais da Educação que intermediam os passos e norteiam os alunos em suas pesquisas para juntos construírem o conhecimento, com desafios ao grupo para que alcancem os objetivos propostos.

Devemos pensar na educação dentro da realidade em que estamos inseridos, pois se os alunos não são mais os mesmo de dez anos atrás. A modernidade e acesso a cultura e informação através das TICs também trouxe o uso abusivo e indevido das mídias. A tecnologia é utilizada para dar continuidade em uma prática que vem causando estragos gigantescos, através do *bullying* e evoluindo para o *cyberbullying*.

A prática do *cyberbullying* vem aumentado de forma rápida e avassaladora, pois em função da prática ter a vantagem do *bullie*, ou seja, de os agressores se esconderem atrás do anonimato acaba por encorajar a continuidade do mesmo. Muitas crianças e adolescentes que frequentam as escolas são vítimas dessa prática.

É necessário uma conscientização não só de crianças e adolescentes, mas de toda a população, do quanto é grave a realidade em que passamos. Buscar o resgate dos limites e dos valores perdidos, como solidariedade, empatia, de saber se colocar no lugar do outro e estender a mão. E, como educadores, ser

multiplicador da paz através das práticas pedagógicas, observando não apenas os alunos, mas a si mesmo e às próprias ações.

As mentes humanas são capazes de criar poderosas ferramentas, porém devem ter o compromisso ético de só usá-las para os bons propósitos. Como bem nos lembrou Albert Einstein: “A preocupação com o próprio homem e o seu destino sempre deve ser o principal interesse de todos os empreendimentos tecnológicos (...) para que as criações de nossas mentes seja uma benção e não uma maldição para a humanidade.” (SILVA; 2010, p. 125)

É de suma importância capacitar docentes para que compreendam e utilizem as TICs como ferramenta facilitadora no processo de ensino aprendizagem.

Embora uma significativa parcela dos alunos da Rede Pública não possua poder aquisitivo alto, as famílias que antes se esforçavam para ter em casa um aparelho de televisão, hoje se esforçam para ter um equipamento de informática e o acesso à Internet em suas residências, grande parte dos alunos sabem acessar a Internet utilizando redes sociais, usufruindo divertidamente em jogos on line ou off line, bem como baixar músicas e clips, assistir filmes até mesmo para pesquisar, enfim há uma demanda de coisas lúdicas, interessantes e prazerosas para enriquecer o cognitivo, as quais a escola não pode se eximir em acompanhar.

Percebemos a vontade dos estudantes em aprender a utilizar as TICs, são curiosos, participativos e interessados. A tecnologia jamais deve ser substituída pelo ato de ensinar, mas deve ser uma aliada do fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.E.B. de. **Educação, projetos, tecnologia e conhecimento**. São Paulo: PROEM, 2002.

ARROYO, Miguel G. (org). **Da Escola Carente a Escola Possível**. São Paulo: Loyola, 1991.

BARBOSA A.F. (coord..) Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2013. 2014. Disponível em http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf Consultado em 28/11/2018

CHAGAS, Catarina. **Novas perspectivas tecnológicas**. Revista TV Escola, Curitiba, n. 3, p. 16, nov./dez. 2010.

CARPENTER, Deborah e FERGUSON, Christopher J. **Cuidado! Proteja seus Filhos dos Bullies**. São Paulo: Butterfly Editora, 2011.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz**. Editora Verus, 2005.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos Professoras?** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. 8ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

GATTI, Bernardete Angelina. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Editora Plano, 2002.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin. **A Prática dos Orientadores Educacionais**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

IENNACO, Juliana de Paula. **Tecnologias na Educação: a importância das novas mídias de informação do professor e seus desdobramentos no universo escolar**. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/tecnologias-na-educacao-a-importancia-das-novas-midias-na-formacao-dos-professores-e-seus-desdobramentos-no-universo-escolar/29155/> Acesso em 28/11/2018

JARES, Xésus R. **Educação para a Paz: sua teoria e sua prática**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e o ensino presencial e a distancia**. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

KUPSTAS, Márcia (org). **Violência em Debate**. São Paulo: Moderna, 1997.

LÜCK, Heloísa. **Planejamento em Orientação Educacional**. 21ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORALES, Pedro. **A Relacao Professor – Aluno**. Loyola

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso. & BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MORAN, José Manuel, MASSETTO, Marcos T., BEHRENS Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas, SP. Papyrus, 2012.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **Afetos Manifestos na Sala de Aula**. Annablume

POLATO, Amanda. **Tecnologia + conteúdos = oportunidades de ensino**. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 223, p. 50, jun/jul. 2009

PORTO, Olívia. **Orientação educacional Teoria, Prática e Ação**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação Não – Violenta Técnicas para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais**. 4ª edição. São Paulo: Agora, 2006

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas nas ESCOLAS bullying**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Marco (2001). **Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande: CBC, set. 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi – 2 ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

MÉTODOS DE PESQUISA / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>
18/01/2019

Acessado em

OLIVEIRA, C.; MOURA, S. P.– TIC’S na Educação: A Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação na Aprendizagem do Aluno. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/11019/8864>

- Acessado em 20/01/2019

APÊNDICE A
PESQUISA SOBRE BULLYING E CYBERBULLYING NA ESCOLA

Dados de identificação de idade, gênero e ano:

1. Qual é a sua idade?

Marcar apenas uma oval

- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- Acima de 18

2. Em que ano você estuda?

Marcar apenas uma oval

- 6 ano do Ensino Fundamental
- 7 ano do Ensino Fundamental
- 8 ano do Ensino Fundamental
- 9 ano do Ensino Fundamental

3. Gênero?

Marcar apenas uma oval

- Feminino
- Masculino

Sobre a Escola em EU que estudo

Queremos saber como você se sente no ambiente escolar.

4. Você gosta da escola em que estuda?*Marcar apenas uma oval* Sim Não**5. O que pensas do ambiente da tua escola?***Marcar apenas uma oval* Ruim Bom Muito bom**6. Você tem um bom relacionamento com os colegas?***Marcar apenas uma oval* Sim, com a maioria dos colegas Não, mas tento Não**7. Você tem um bom relacionamento com os professores***Marcar apenas uma oval* Sim Não**8. Você acha que na sua escola tem violência?***Marcar apenas uma oval* Sim Não**9. Na sua opinião, há violência dentro da sua sala de aula?***Marcar apenas uma oval* Sim Não**10. Na sua opinião, é mais fácil resolver os problemas usando a violência?***Marcar apenas uma oval*

Sim

Não

11. Você convive com algum tipo de violência seja ela simbólica ou física em sua casa?

Marcar apenas uma oval

Sim

Não sei

Não

12. Na sua opinião, a violência em casa influencia a violência na escola?

Marcar apenas uma oval

Sim

Não

13. Na sua opinião, a conversa poderia resolver problemas e evitar muitos casos de violência?

Marcar apenas uma oval

Sim

Não

14. Na sua opinião, palavrão também é um tipo de violência?

Marcar apenas uma oval

Sim

Não

15. Na sua opinião, a violência dentro da escola pode acabar?

Marcar apenas uma oval

Sim

Não

16. Você faria parte de um grupo antiviolência, dentro da escola, para prevenir a violência, dialogar e buscar soluções para conflitos, criando

alternativas, de modo a minimizar ao máximo as brigas e desentendimentos no ambiente escolar?

Marcar apenas uma oval

() Sim

() Não

17. Qual das alternativas abaixo que você considera a MAIS IMPORTANTE para minimizar a violência dentro do espaço escolar?

Marque todas que se aplicam.

() Conversa

() Solidariedade

() Respeito

() Punição

() Outro

Sobre EU sofrer bullying ou cyberbullying

Queremos saber se você já passou por alguma situação de bullying ou cyberbullying

18. Você sabe o que é o bullying e cyberbullying?

Marcar apenas uma oval

() Sim

() Não

BULLYING

Bullying é um termo que não é fácil de ser traduzido, na realidade, o bullying é um conjunto de atos ou ações agressivas e intimidadoras, sem razão aparente, que podem ser praticados em um indivíduo ou em um determinado grupo. Onde os personagens são: agressores, vítimas e testemunhas.

CYBERBULLYING

O cyberbullying pode ser definido como intimidação, assédio ou ameaças repetidas e conduzidas por meio de qualquer via de tecnologia da comunicação,

incluindo e-mails, mensagens instantâneas, salas de bate - papo, sites de relacionamento, telefones celulares etc.”

19. Você acha que você já sofreu bullying ou cyberbullying alguma vez?

Marque somente uma oval

- () Sim Ir para a pergunta 20
() Não Ir para a pergunta 31

Se você respondeu que sim:

20. Quantas vezes já aconteceu?

Marque apenas uma oval

- () Poucas vezes
() Muitas vezes
() Todos os dias

21. Onde isso aconteceu?

Marque todas que se aplicam

- () Na escola
() Em casa
() Na vizinhança
() Na Internet (redes sociais e aplicativos: *Facebook, WhatsApp*)
() Outro _____...

22. Se aconteceu na escola, onde exatamente foi?

Marque todas que se aplicam

- () Sala de aula
() Recreio
() Pátio
() Corredores e escadas
() Espaços - Educação Física
() Banheiro
() Na saída ou na entrada
() Imediações da escola

- () Foi na Internet
 () Outro _____...

23. Que tipo de violência o(s) agressor(es) fez(fizeram) contra você?

Marque todas que se aplicam

- () Empurrar com violência
 () Ameaçar
 () Fazer gozações
 () Humilhar
 () Bater
 () Chamar nomes ofensivos
 () Colocar apelidos
 () Levantar calúnias /rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)
 () Fizer intrigas
 () Excluir do grupo/ isolar
 () Perseguir
 () Roubar ou destruir objetos
 () Apalpar contra a tua vontade
 () Usar a Internet para fazer comentários desrespeitosos, maliciosos, agressivos ou humilhantes postados em meu perfil ou enviados para o meu celular através de redes sociais ou de aplicativos como Facebook, WhatsApp, Instagram – CYBERBULLYING () Usar a Internet para comentários desrespeitosos, maliciosos, agressivos ou humilhantes sobre mim e postados e postados em grupos de redes sociais ou aplicativos como Facebook, WhatsApp, Instagram –CYBERBULLYING
 () Divulgar fotos íntimas pessoais na Internet (nudes)
 () Excluíram de grupo/ isolaram/ bloquear (Whatsapp, Facebook, entre outros)
 () Outro _____...

24. Quantas vezes, com que frequência?

Marque apenas uma oval

- () 1 vez
 () 2 vezes

- 3 vezes
- Mais de 3 vezes

25. Estas situações foram causadas por:

Marcar apenas uma oval

- 1 pessoa
- 2 pessoas
- 3 pessoas
- Grupo de pessoas

26. A (s) pessoa(s) era(m) colega(s)?

Marcar apenas uma oval

- Da tua turma
- De outra turma
- Não conhecia
- Não foi possível identificar (ex.: perfil falso ou anônimo pela internet, bilhetes/recados deixados de forma anônima)

27. A (s) pessoa(s) era(m):

Marcar todas que se aplicam

- Do gênero masculino
- Do gênero feminino
- Não foi possível identificar (ex.: perfil falso ou anônimo pela internet, bilhetes/recados deixados de forma anônima)

28. A (s) pessoa(s) era(m):

Marcar apenas uma oval

- Mais novos
- Da mesma idade
- Mais velhos
- Não sei

29. Alguém presenciou esta situação?

Marcar apenas uma oval

Sim

Não

Após a última pergunta desta seção, ir para a pergunta 31

30. Se sim, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

Marque todas que se aplicam

Nada

Fugir /ter medo

Recorrer a alguém

Pedir ao agressor para parar

Aproximar se para ver

Apoiar o agressor

Encaminhar/publicar as minhas fotos íntimas, ou postagens, ou comentários sobre mim para outras pessoas

Fazer piadas online

Rir da situação

Apoiar o agredido

Outro _____...

Sobre eu presenciar alguém sofrer bullying ou cyberbullying

31. Você já presenciou alguém ser vítima de bullying ou cyberbullying?

Marque apenas uma oval

Sim

Ir para a pergunta 32

Não

Ir para a pergunta 41

32. Você viu alguém ser vítima de alguma(s) agressão (ões) relacionada(s) abaixo, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações.

Marque todas que se aplicam

Empurrar com violência

- Ameaçar
- Fazer gozações
- Humilhar
- Bater
- Chamar nomes ofensivos
- Colocar apelidos
- Levantar calúnias /rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)
- Fazer intrigas
- Excluir do grupo/ isolar
- Perseguir
- Roubar ou destruir objetos
- Apalpar contra a tua vontade
- Usar a internet para fazer comentários desrespeitosos, maliciosos, agressivos ou humilhantes postados em meu perfil ou enviados para o meu celular através de redes sociais ou aplicativos como Facebook, WhatsApp, Instagram – CYBERBULLYING
- Usar a Internet para comentários desrespeitosos, maliciosos, agressivos ou humilhantes postados sobre mim e e postados em redes sociais ou aplicativos como Facebook, WhatsApp, Instagram –CYBERBULLYING
- Excluir do grupo/isolar/bloquear (WhatsApp, Facebook, Instagram, entre outros)
- Divulgar fotos íntimas pessoais na Internet (nudes)
- Outro _____

33. Quantas vezes, com que frequência?

Marcar apenas uma oval

- 1 vez
- 2 vezes
- 3 vezes
- Mais de 3 vezes

34. Estas situações foram causadas por:

Marcar apenas uma oval

- 1 pessoa
- 2 pessoas
- 3 pessoas
- Grupo de pessoas

35. A (s) pessoa(s) era(m) colega(s)?

Marcar apenas uma oval

- Da tua turma
- De outra turma
- Não foi possível identificar (ex.: perfil falso ou anônimo pela internet, bilhetes/recados deixados de forma anônima)

36. A (s) pessoa(s) era(m):

Marque todas que se aplicam

- Do gênero masculino
- Do gênero feminino
- Não foi possível identificar (ex.: perfil falso ou anônimo pela internet, bilhetes/recados deixados de forma anônima)

37. A (s) pessoa(s) era(m):

Marcar apenas uma oval

- Mais novos
- Da mesma idade
- Mais velhos
- Não sei

38. Alguém presenciou esta situação?

Marcar apenas uma oval

- Sim
- Não Após a última pergunta desta seção, ir para a pergunta 41

39. Se sim, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

Marque todas que se aplicam

- Nada

- () Fugir /ter medo
- () Recorrer a alguém
- () Pedir ao agressor para parar
- () Aproximar me para ver
- () Apoiar o agressor
- () Encaminhar/publicar as minhas fotos íntimas, ou postagens, ou comentários sobre mim para outras pessoas
- () Rir da situação
- () Apoiar o agredido
- () Fazer piadas online também
- () Outro _____...

40. Na sua opinião, quais as razões que levam uma pessoa a ter esse comportamento?

Marque todas que se aplicam

- () Vingança
- () Defesa de outros colegas
- () Desprezo
- () “brincadeira”
- () Reação a provocações
- () Irritação
- () Influência da mídia
- () Incentivo dos amigos
- () Falta de orientação dos pais
- () outro:

Sobre Eu praticar o bullying ou cyberbullying

Se sim, responda as questões abaixo; Se não, pule para a parte final da pesquisa.

41. Já praticou o bullying ou cyberbullying?

Marcar somente uma oval

- () Sim Ir para a pergunta 42
- () Não Ir para a pergunta 53

42. Se sim, o que você fez?*Marque todas que se aplicam*

- Empurrei com violência
- Ameacei
- Fiz gozações
- Humilhei
- Bati
- Chamei de nomes ofensivos
- Coloquei apelidos
- Levantei calúnias /rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)
- Fiz intrigas
- Excluí do grupo/ isolei
- Perseguir
- Roubei ou destruí objetos
- Apalpei contra a vontade do colega
- Usei a internet para fazer comentários desrespeitosos, maliciosos, agressivos ou humilhantes postados ou enviados pelo celular através de redes sociais ou aplicativos como Facebook, WhatsApp, Instagram – CYBERBULLYING
- Usei a Internet para comentários desrespeitosos, maliciosos, agressivos ou humilhantes postados sobre mim e e postados em redes sociais ou aplicativos como Facebook, WhatsApp, Instagram –CYBERBULLYING
- Encaminhei/publiquei fotos íntimas, ou postagens, ou comentários sobre outras pessoas n Internet
- Outro _____

43. O que sentes pelo(s) colega(s) que agrides ou persegues na escola?*Marque todas que se aplicam*

- Raiva
- Desprezo
- Pena
- Carinho
- Nada
- Outro _____...

44. A (s) pessoa(s) era(m) colega(s)?

Marque todas que se aplicam

- Da tua turma
- De outra turma
- Outro

45. A (s) pessoa(s) era(m):

Marque todas que se aplicam

- Do gênero masculino
- Do gênero feminino
- Não interessa o gênero, pratico o bullying ou cyberbullying com todos

46. Você se arrependeu?

Marcar apenas uma oval

- Sim
- Não

47. O que você fez em relação a isso?

Marcar apenas uma oval

- Continuei praticando bullying ou cyberbullying
 - Pedi desculpas, mas não me arrependi
 - pedi porque me obrigaram
 - Pedi desculpas e/ou reparei o dano, pois estava sinceramente arrependido
- (a) (meu arrependimento foi sincero e espontâneo)
- Exclui comentários, postagens, vídeos e fotos das redes sociais ou aplicativos que mantivessem o registro de Cyberbullying
 - Outro _____...

48. O que fizeram as pessoas que presenciaram?

Marque todas que se aplicam

- Nada
- Fugiram /tiveram medo
- Recorreram a alguém

- Pediram ao agressor para parar
- Aproximaram se para ver
- Apoiaram o agressor
- Riram da situação
- Apoiaram o agredido
- Outro _____...

49. Você foi punido por causa desta situação ou dessas situações?

Marcar apenas uma oval

- Sim
- Não

50. Se sim, o que aconteceu?

Marque todas que se aplicam

- SOE e chamou e conversou comigo
- SOE chamou meus responsáveis
- SOE me deu bilhete solicitando assinatura dos responsáveis
- Advertência
- Suspensão
- SOE fez Círculo Restaurativo de Paz
- Houve mediação de conflito através do SOE
- Outro _____...

51. Alguém já te ajudou a modificar o teu comportamento?

Marcar apenas uma oval

- Sim
- Não

52. Se sim, quem?

Marque todas que se aplicam

- Família
- Professores
- Colegas
- Psicólogo
- SOE

() Outro _____...

Para finalizar...

53. Você acha que a violência pode interferir no rendimento escolar?

Marcar apenas uma oval

() Sim

() Não

54. Utilize este espaço para dizer o que você gostaria, mas não diz por ter receio.

55. Escreva o que você acha que os pais, professores, e outros adultos podem fazer para acabar com o bullying e o cyberbullying.

APÊNDICE B<TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO>

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Gisele Eloy de Souza, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Caroline Bohrer do Amaral, realizará a investigação/projeto Diga não ao BULLYING E AO CYBERBULLYING. O objetivo desta pesquisa é fazer um levantamento das práticas de bullying e cyberbullying. Através da pesquisa fazer um mapeamento de como são representadas as situações de violência escolar, a fim de propor estratégias para prevenção.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de questionário para coleta e registro dos dados.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do e-mail – orientacaorondon@gmail.com .

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de RG. _____, autorizo e concordo com a participação do (a) aluno (a) _____ da turma _____ a participar desta pesquisa, e divulgação dos dados para fins de uso pedagógico.

Assinatura do(a) responsável legal pelo participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Canoas, ____ de _____ de 2018.